

The background of the cover is a dark blue world map. Overlaid on the map is a complex network of white lines connecting numerous small white dots, representing a global network or data flow. The map shows the continents, with some areas appearing more densely connected than others.

GUIA PARA TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

COMPACT

[Análise Comparativa de Teorias da Conspiração]

Guia de teorias da conspiração

COMPACT [Análise comparativa de teorias da conspiração] é uma rede de pesquisa COST Action financiada pela UE, composta por 150 pesquisadores de toda a Europa para investigar as causas e consequências das teorias da conspiração. Para mais informações: www.conspiracytheories.eu

Autoria:

COMPACT Education Group

Tradução:

Eduardo J.M. camilo

Agradecimentos:

Michael Butter, Ela Drażkiewicz, Asbjørn Dyrendal, Jaron Harambam, Daniel Jolley, Olivier Klein, Peter Knight, Péter Krekó, Stephan Lewandowsky, Claus Oberhauser

Design:

Peter Knight

Transferência:

Este relatório encontra-se disponível em: www.conspiracytheories.eu

Uma versão completa da seção de recomendações ("The Conspiracy Theory Handbook", da autoria de Stephan Lewandowsky e John Cook) pode ser descarregada em <http://sks.to/conspiracy>



Março 2020

Publicado ao abrigo da Creative Commons License (CC BY-NC-SA 4.0)

Imagem: de Pete Linforth da Pixabay



Sumário

SUMÁRIO	3
1 COMPREENDENDO AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	4
1.1 O que é uma teoria da conspiração?	4
1.2 As teorias da conspiração são o mesmo que notícias falsas (fake news)?	4
1.3 O termo 'teoria da conspiração' foi inventado pela CIA?	5
1.4 Como funcionam as teorias da conspiração?	5
1.5 Quais as diferenças entre teorias da conspiração e conspirações?	6
1.6 Quem acredita em teorias da conspiração?	7
1.7 Porque se acredita em teorias da conspiração?	7
1.8 Como se têm desenvolvido as teorias da conspiração ao longo da história?	8
1.9 Qual o impacto da internet nas teorias da conspiração?	9
1.10 As teorias das conspirações são perigosas?	9
1.11 Como se relacionam as teorias da conspiração com o populismo?	10
OUTRAS SUGESTÕES DE LEITURA	10
2 RECOMENDAÇÕES PARA LIDAR COM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	12
2.1 Porque são as teorias da conspiração tão estimulantes?	12
2.2 Reconhecer que as teorias da conspiração não são irracionais, mas políticas	13
2.3 Limitando a disseminação de teorias da conspiração	13
2.4 Inoculação contra as teorias da conspiração	14
2.5 Desmistificando teorias da conspiração	14
2.6 Protegendo o público de teorias da conspiração	15
2.7 Quando a desmistificação falha: o envolvimento dos teóricos da conspiração	15
2.8 Lições dos programas de desradicalização	16
REFERÊNCIAS	17

1 Compreendendo as teorias da conspiração

As teorias da conspiração - a crença de que os eventos são secretamente manipulados nos bastidores por forças poderosas - existem em todas as sociedades modernas. Nos últimos vinte anos, o seu significado e popularidade têm aumentado constantemente, especialmente no contexto online. Algumas teorias da conspiração podem ser uma forma de entretenimento inofensivo, sinal de ceticismo bem fundamentado. Contudo, por vezes podem ser perigosas porque conduzem a uma descrença nos conhecimentos médicos e científicos, ao desengajamento político e até à violência. As teorias da conspiração são, portanto, um desafio para uma ampla variedade de intervenientes. Este pequeno guia fornece uma visão geral do fenómeno.

1.1 O que é uma teoria da conspiração?

As teorias da conspiração pressupõem que nada sucede por acaso, que nada é o que parece e que tudo está ligado. Por outras palavras, nelas se afirma que um grupo de agentes do mal, os conspiradores, está secretamente orquestrando tudo o que acontece. Usualmente, apresentam os conspiradores imaginados como inimigos do povo. Assim sendo, as teorias da conspiração separam o mundo em bem e mal, em Nós vs. Eles, sem deixar espaço para dúvida ou complexidade. Alegam que é necessário olhar para o que está subjacente para descobrir as ações e os propósitos dos conspiradores que fazem grandes esforços para ocultar os seus propósitos perversos. Costumam também assumir-se frequentemente como formas de subversão da opinião recebida. O pressuposto é que, se se aprofundar o suficiente, sempre se encontrarão conexões ocultas entre pessoas, instituições e eventos que explicam o que realmente está sucedendo. Essas suposições colocam as teorias da conspiração em confronto com as ciências sociais modernas que enfatizam a importância da coincidência, da contingência e das consequências não intencionais. As teorias da conspiração sugerem que os eventos históricos são sempre o resultado de maquinações ao invés de forças sociais impessoais e efeitos estruturais. No entanto, as teorias da conspiração geralmente não surgem do nada. Usualmente são respostas - ainda que simplificadas e distorcidas - a problemas e ansiedades genuínos da sociedade.

1.2 As teorias da conspiração são o mesmo que notícias falsas (fake news)?

Não, mas geralmente são tratadas como tal em discussões públicas sobre notícias falsas. Existem, porém, diferenças. Primeiro, nem todas as notícias falsas afirmam que está sucedendo uma trama sinistra. Segundo, os produtores de notícias falsas sabem que estão espalhando mentiras. Eles o fazem intencionalmente para criar confusão, mobilizar seu público ou difamar os oponentes. Em contrapartida, a grande maioria daqueles que formulam teorias da conspiração acreditam

genuinamente no que estão dizendo. Estão convencidos de que estão ajudando a revelar a verdade. Existem, no entanto, os que também divulgam teorias da conspiração que não acreditam para ganhar dinheiro e/ou alcançar certos objetivos políticos. Especialmente na era da internet, há pessoas que lucram com a disseminação de teorias da conspiração que provavelmente não acreditam completamente. Do mesmo modo, existem políticos populistas que exploram estrategicamente teorias da conspiração para mobilizar os seus seguidores. Nesses casos, as teorias da conspiração e as notícias falsas são efetivamente idênticas.

1.3 O termo 'teoria da conspiração' foi inventado pela CIA?

Existe uma teoria da conspiração de que a CIA inventou o termo "teoria da conspiração" para desqualificar as críticas à versão oficial do assassinato de Kennedy. É certo que uma afirmação denominada "teoria da conspiração" geralmente implica que ela não apresenta fundamento efetivo, que não justifica uma discussão mais aprofundada e que os que nela acreditam apresentam uma percepção pouco clara da realidade e até podem sofrer de problemas psicológicos graves. O termo é, portanto, um insulto potencialmente poderoso. No entanto, a CIA não o inventou. Foi usado pela primeira vez em seu sentido moderno logo após a Segunda Guerra Mundial pelo filósofo da ciência Karl Popper e, desde a década de 1960, tem sido cada vez mais empregue no discurso cotidiano.

1.4 Como funcionam as teorias da conspiração?

Como nelas existe a presunção de que nada sucede por acaso, os teóricos da conspiração costumam questionar: "Quem ficou a ganhar" com um acontecimento como o 11 de setembro, com o progresso ou com a crise dos refugiados? Usualmente, numa teoria da conspiração existe a extrapolação de que se um grupo foi beneficiado por uma ação, então será o que planeou secretamente a sua realização. Os teóricos da conspiração recorrem assim a uma ou a duas estratégias retóricas. Alguns tentam explicitamente fornecer evidências que confirmem a sua posição, ignorando as que as contrariem. Outros procedem mais subtilmente, tentando abrir brechas na versão oficial dos eventos. Nas últimas décadas, esta estratégia tem sido particularmente proeminente no mundo ocidental por as teorias da conspiração frequentemente se assumirem como um desafio ao saber adquirido (atualmente as coisas estão mais complicadas agora que, por exemplo, o presidente dos EUA se envolve abertamente em especulações sobre conspirações). A retórica do "apenas fazer perguntas" possibilita aos teóricos da conspiração refutar que estejam disseminando teorias da conspiração. Contudo, as questões geralmente são formuladas para suscitar a ideia de que deve ter havido uma conspiração.

1.5 Quais as diferenças entre teorias da conspiração e conspirações?

Sempre existiram e existirão conspirações. Contudo, as efetivas - de tramas e esquemas cuja existência foi estabelecida além de qualquer dúvida razoável - geralmente diferem das imaginadas pelos teóricos da conspiração a partir de vários critérios:

- Geralmente, as conspirações reais bem-sucedidas são de eventos conspirativos concretos. Comparadas com os cenários típicos das teorias da conspiração, apresentam objetivos claros e mais modestos, como sucede com um golpe de Estado ou um assassinato. Algumas teorias da conspiração também reportam eventos específicos, mas muitas são de “sistema” ou super-conspiração. Alegam que grupos específicos, como os maçons ou os Illuminati, têm vindo ao longo da história a planejar secretamente ou que certos grupos, como, por exemplo, os judeus e os comunistas, estão secretamente urdindo um plano para controlar todos os acontecimentos.
- As conspirações efetivas geralmente envolvem um número limitado de pessoas que participam consciente ou involuntariamente na trama. Em contrapartida, as teorias da conspiração usualmente anunciam (às vezes por implicação) que centenas ou milhares de pessoas estiveram envolvidas na suposta trama e a encobrem. Esta particularidade sucede inclusivamente no caso de eventos aparentemente simples, sem falar nas super-conspirações mirabolantemente complicadas que supostamente duram séculos. Simular a aterragem na lua ou um complot na realização os ataques do 11 de setembro exigiria a mobilização de milhares de colaboradores trabalhando perfeitamente em equipa que permaneceram em silêncio até hoje. Tais cenários são assaz improváveis, se não impossíveis.
- Por fim, as conspirações reais geralmente produzem consequências não intencionais. Conduzem a resultados não previstos pelos conspiradores. Já nas teorias da conspiração, por outro lado, geralmente se afirma que tudo se desenrola de acordo com o plano dos conspiradores. Quase nunca é deixado espaço para consequências involuntárias. O assassinato de Júlio César em 44 aC é um exemplo de uma típica conspiração. Ele foi assassinado por um grupo de cerca de 60 senadores. Na perspetiva das conspirações efetivas este é já um grupo bastante grande. Mas, comparado com o que a maioria das teorias da conspiração reivindica, é restrito. A conspiração alcançou seu objetivo modesto e de curto prazo: César foi morto. Todavia, mostrou-se contraproducente em relação ao seu objetivo mais importante, a longo prazo, que era a preservação da República

Romana. Provocou uma guerra civil que eventualmente conduziu ao estabelecimento do Império Romano.

1.6 Quem acredita em teorias da conspiração?

A crença nas teorias da conspiração já foi associada à paranoia e a outros problemas psicológicos. E, embora alguns teóricos da conspiração possam ser paranoicos, a crença em tais teorias encontra-se demasiado disseminada para ser explicada em termos de anomalia psicológica. Nalgumas pesquisas descobriu-se que a maioria dos cidadãos da Europa e dos EUA acreditam em uma ou mais teorias da conspiração. Em estudos na área da psicologia, concluiu-se que pessoas que se sentem impotentes ou com dificuldades em aceitar incerteza são particularmente propensas a crer em teorias da conspiração. Noutros estudos também se concluiu que a probabilidade de acreditar em teorias da conspiração diminui com o nível de educação. Houve igualmente pesquisas que demonstraram que os crentes em teorias da conspiração pertencem a todas as etnias e estilos de vida. Na maioria das pesquisas também não se encontrou qualquer diferença significativa entre homens e mulheres. Mas, os teóricos da conspiração masculinos geralmente assumem-se mais e têm menos rodeios. A razão poderá estar relacionada com o facto de as teorias da conspiração serem um modo reagir à crise generalizada da masculinidade no mundo ocidental.

1.7 Porque se acredita em teorias da conspiração?

As teorias da conspiração são atrativas por exercerem funções importantes para a identidade pessoal, social e política dos que nelas acreditam.

- Atribuem um sentido ao mundo porque excluem o caos e a coincidência. Também tornam o mundo inteligível ao fornecerem uma explicação simplista sobre transformações políticas e sociais. São uma estratégia para lidar com a incerteza e resolver a ambiguidade. É mais fácil para algumas pessoas aceitar que um grupo de malfeitores está secretamente puxando os cordelinhos do que enfrentar a possibilidade de que não exista ninguém e que às vezes as coisas simplesmente aconteçam. Deste modo, as teorias da conspiração cumprem funções semelhantes às da religião, fornecendo uma explicação sobre como o mundo funciona e um sentido de identidade e de propósito pessoais. Estão, portanto, frequentemente associadas a uma tendência para crenças esotéricas ou a uma forma de "pensamento mágico".
- As teorias da conspiração incriminam pessoas e não forças abstratas, por eventos e desenvolvimentos políticos na sociedade. São uma ferramenta importante para o que as

ciências sociais chamam de "outro": possibilitam que seus crentes identifiquem bodes expiatórios e estabeleçam uma linha clara entre um "nós" - as vítimas da conspiração - e um "eles" - os conspiradores. Assim sendo, podem forjar fortes sentimentos comunitários. Do mesmo modo, possibilitam que os que nelas acreditam assinalem uma pertença de grupo. Por exemplo, ao expressar teorias de conspiração contra vacinação, as pessoas podem indicar que fazem parte da comunidade que acredita em medicinas alternativas e segue um estilo de vida alternativo.

- As teorias da conspiração desresponsabilizam os que nelas acreditam. Como os conspiradores poderosos são incriminados por tudo o que sucede, os crentes não podem ter tido qualquer participação na ocorrência e precipitação dos acontecimentos.
- As teorias da conspiração permitem ao que nelas acreditam se demarcarem das massas. Como se transformaram numa forma estigmatizada de conhecimento no mundo ocidental nas últimas décadas, não é mais socialmente aceitável acreditar nelas. Mas os crentes sempre se podem confortar com a ideia de que - ao contrário do resto da população - acordaram e entenderam o que realmente está acontecendo.
- Por vezes, as teorias da conspiração também podem canalizar descontentamento e críticas sociais concretamente sobre o modo de funcionamento das instituições públicas. Podem ser um meio de contestação política e uma estratégia de rebelião contra a autoridade (por exemplo, a dos pais, professores ou elites), mesmo que incidam no alvo errado.

1.8 Como se têm desenvolvido as teorias da conspiração ao longo da história?

As teorias da conspiração, conforme anteriormente referido, não são um dado antropológico. Surgiram pela primeira vez na Europa durante o final do período moderno com importantes precursores na Grécia e Roma antigas. Foram então "exportadas" para o resto do mundo. Desde o final do século XVI até o século XX, eram aceites como forma de conhecimento que tanto era acreditado e formulado por elites como por outras pessoas. Nesta perspetiva, nem sempre foram necessariamente contra-narrativas. Muitas vezes, a explicação oficial dos eventos era em si uma teoria da conspiração. No mundo ocidental, as teorias da conspiração só começaram a ser objeto de um processo de estigmatização na segunda metade do século XX, quando se transformaram, de forma oficial de conhecimento, em modo de conhecimento ilegítimo. Fora do mundo ocidental, contudo, essa estigmatização não ocorreu. Consequentemente, as teorias da conspiração ainda são consideradas formas aceitáveis de conhecimento, por exemplo, no mundo

árabe ou na Rússia, onde são formuladas por especialistas, funcionários eleitos, meios de comunicação social e académicos.

1.9 Qual o impacto da internet nas teorias da conspiração?

Ainda não sabemos se a internet conduziu a um aumento maciço ou apenas modesto da crença em teorias da conspiração. O que é evidente, no entanto, é que as tornou mais visíveis, muito mais facilmente disponíveis e acelerou muito a sua circulação. Ainda não se sabe se os algoritmos de recomendação de plataformas como o YouTube induziram rapidamente os espectadores para conteúdo mais extremo ou se o aumento de "procura" por narrativas alternativas e teorias da conspiração é mais importante do que as mutações no lado da "oferta". A investigação mostrou que os rumores falsos (por exemplo, sobre o vírus Zika) se espalharam muito mais rápida e amplamente do que as correções através da apresentação de factos. No entanto, não é evidente que a circulação de uma história de conspiração implique necessariamente uma adesão; a ascensão dos movimentos de extrema direita mostrou que os boatos sobre conspiração são frequentemente espalhados mais com o intuito de provocar uma reação que uma crença sincera. Tal como em todas as revoluções anteriores dos media, a ascensão da Internet também suscitou um impacto significativo na forma das teorias da conspiração. Os vídeos sobre conspirações no YouTube e em outras plataformas são menos densos que as publicadas nos livros e panfletos de outros tempos. Além disso, plataformas como o Twitter, que restringem o número de caracteres de um único post, conduziram à transformação das teorias da conspiração em boatos, porque as especulações sobre conspirações circulam cada vez mais sem as provas e as narrativas elaboradas nas anteriormente publicadas noutros media. Por isso mesmos, alguns investigadores sugeriram que atualmente nos encontramos perante um aumento da "conspiração sem a teoria".

1.10 As teorias das conspirações são perigosas?

Nem todas as teorias da conspiração são perigosas; muitas até são bastante inofensivas. O contexto é importante: quem acredita no quê; em que situação e com que efeito? Além disso, essas teorias da conspiração que tendem a ser problemáticas podem ser perigosas de diferentes maneiras.

- As teorias da conspiração podem ser um catalisador para a polarização e a violência. Como identificam um grupo, os conspiradores, que são vistos como responsáveis por todo o mal, quem nelas acredita podem sentir-se justificado ou até obrigado a agir contra esse grupo, as suas instituições ou representantes.

- As teorias da conspiração que desafiam o conhecimento médico consagrado - por exemplo, as da alegação de que os cientistas estão ocultando o fato de que as vacinas causam autismo ou que o vírus HIV foi fabricado num laboratório de guerra biológica - podem ser perigosas porque os crentes podem recusar a inoculação para si ou para seus filhos ou optar por relações sexuais desprotegidas.
- As teorias da conspiração podem conduzir à apatia política ou alimentar o populismo. Quem acredita que as eleições são uma farsa, porque os diferentes candidatos são controlados pelos mesmos malfeitores, é propenso a desligar-se do processo político ou a votar em partidos populistas que se apresentam como a verdadeira alternativa a um sistema político apodrecido.

1.11 Como se relacionam as teorias da conspiração com o populismo?

Os partidários de movimentos populistas parecem ser particularmente receptivos a teorias da conspiração e os políticos populistas frequentemente recorrem a uma retórica conspiracionista. Tal sucede porque o populismo e teoria da conspiração reduzem a complexidade do campo político a uma simples oposição: o povo versus a elite, no caso do populismo; e as vítimas da conspiração versus os conspiradores, no caso da teoria da conspiração. Como elemento do discurso populista, as teorias da conspiração oferecem uma explicação para a atuação das elites contra os interesses do povo. Tal explicação tende a coexistir dentro de um movimento ou partido populista com outras, como as da negligência ou as do enriquecimento pessoal. Assim sendo, as teorias da conspiração são um elemento desnecessário no discurso e da ideologia populistas e não são necessariamente aceites por todos no movimento ou partido populista em que circulam.

Outras sugestões de leitura

- Bartlett, J. and Miller, C. (2010) *The Power of Unreason: Conspiracy Theories, Counter-terrorism and Extremism*, <http://www.demos.co.uk/publications/thepowerofunreason>
- Bergmann, E. (2018) *Conspiracy and Populism: The Politics of Misinformation*. Palgrave Macmillan.
- Borenstein, E. (2019) *Plots Against Russia: Conspiracy and Fantasy After Socialism*. Cornell University Press.
- Brotherton, R. (2015) *Suspicious Minds: Why We Believe Conspiracy Theories*. Bloomsbury.
- Butter, M. and Knight, P. (eds) (2020) *The Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. Routledge.
- Butter, M. (2020) *The Nature of Conspiracy Theories*. Polity Press.
- Byford, J. (2011) *Conspiracy Theories: A Critical Introduction*. Palgrave Macmillan.

- Douglas, K. et al. (2019) 'Understanding conspiracy theories'. *Political Psychology* 40, 3-35.
- Harambam, J. (2020) *Contemporary Conspiracy Culture: Truth and Knowledge in an Age of Epistemic Instability*. London: Routledge.
- Merlan, A. (2019) *Republic of Lies: American Conspiracy Theorists and Their Surprising Rise to Power*. Random House.
- Olmsted, K. (2009/2019) *Real Enemies: Conspiracy Theories and American Democracy, World War I to 9/11*. Oxford University Press.
- Qassam, C. (2019) *Conspiracy Theories*. Polity Press.
- Uscinski, J. (2018) (ed.) *Conspiracy Theories and the People Who Believe Them*. Oxford University Press.
- Uscinski, J. and Parent, J. (2014) *American Conspiracy Theories*. Oxford University Press.
- van Prooijen, J-W. (2018) *The Psychology of Conspiracy Theories*. Routledge.

2 Recomendações para lidar com teorias da conspiração

2.1 Porque são as teorias da conspiração tão estimulantes?

As conspirações efetivas existem e geralmente são reveladas por delatores ou pelos meios de comunicação social. Em contrapartida, as teorias da conspiração são tentativas de explicação de um evento relevante – mesmo até da totalidade do curso da história - em termos da organização de uma cabala poderosa, mas secreta. Frequentemente, estas conjeturas são muito especulativas. As teorias da conspiração não são suportadas por provas que sobrevivam ao escrutínio convencional, embora a falta de provas não impeça a criação de uma teoria. As tentativas para desmascarar as teorias da conspiração são desafiadoras pelo menos por duas razões:

- Ao contrário dos estereótipos dos media, as pessoas que se envolvem com teorias da conspiração não são todas iguais e o papel que elas desempenham nas suas vidas pode diferir bastante. Por vezes, as teorias da conspiração podem ser uma forma de expressar oposição ou fazem parte do que cria um sentido de identidade de grupo. Assim, torna-se necessário compreender porque essas crenças são importantes para quem as possui.
- Habitualmente, a crença em teorias da conspiração não é o resultado de uma falta de conhecimento (afinal, na era da Internet, temos acesso fácil a quantidades sem precedente de informações). Com frequência, as teorias da conspiração não são simplesmente "corrigidas" com a apresentação de evidências adicionais. Ao invés, é necessário compreender melhor o motivo que leva muitas pessoas atualmente a sentirem ressentimento perante a simples ideia de conhecimento especializado.
- Um atributo que define as teorias da conspiração é, que elas são "auto-fundamentadas", isto é, as pessoas que acreditam fortemente nas teorias da conspiração usualmente interpretam qualquer tentativa de apresentação de prova em contrário como sendo a evidência da própria existência da conspiração. Embora, por vezes, as teorias da conspiração resultem de um mero sentimento de desconfiança ("essa versão alternativa dos eventos pode ser verdadeira, pelo que eu sei"), já noutros casos os teóricos da conspiração encontram-se tão profundamente inscritos num mundo muito próprio que estas crenças podem ser muito difíceis de desmascarar.
- Existem estudos de que a mera exposição a uma teoria da conspiração pode suscitar consequências adversas, mesmo entre pessoas que não subscrevam a teoria da conspiração (por exemplo, Einstein e Glick 2015; van der Linden 2015; Jolley et al. 2019).

- As teorias da conspiração também são frequentemente associadas ao extremismo político (van Prooijen et al. 2015) e ao desengajamento.

Estes desafios sugerem que as medidas de comunicação devem diferenciar os diferentes públicos e refletir como as teorias da conspiração funcionam em contextos individuais, sociais e políticos específicos. Não existe uma solução única e simples para o problema das teorias da conspiração, e as recomendações a seguir são agrupadas por público-alvo.

2.2 Reconhecer que as teorias da conspiração não são irracionais, mas políticas

Apesar de o discurso conspiracionista ser habitualmente caracterizado por falhas no raciocínio, tal não implica que as pessoas que as articulam ou acreditam nelas sejam necessariamente irracionais. Ao invés, existem evidências de que as teorias da conspiração são utilizadas como estratégia retórica para escapar a conclusões inconvenientes, reforçar o sentimento de identidade ou promover posições políticas específicas, incluindo desinformação patrocinada pelo Estado (Yablokov 2015). Por exemplo, a negação das mudanças climáticas geralmente implica a manutenção de posições mutuamente exclusivas (como as alegações simultâneas de que (a) a temperatura não pode ser medida com precisão, mas (b) as temperaturas globais caíram; Lewandowsky et al. 2016). A inconsistência lógica pode ser uma característica comum do pensamento de conspiração, mas descartar a negação do clima como meramente irracional não explica porque essa crença é importante para as pessoas que a possuem e porque elas são tão resistentes à mudança a partir da apresentação de factos.

2.3 Limitando a disseminação de teorias da conspiração

Os media sociais criaram um mundo no qual qualquer um, sem história de vida ou reputação, pode atingir tantos consumidores quanto os alcançados pelos meios de comunicação social convencionais da televisão e da imprensa. A utilização dos media digitais para combater a disseminação das teorias da conspiração encontra-se em expansão, mas ainda não implantada em larga escala. Contudo, intervenções psicológicas relativamente elementares são promissoras. Por exemplo, um estudo mostrou que a partilha de publicações conspiratórias de negação do clima no Facebook foi reduzida após uma simples intervenção que incentivou as pessoas a formular quatro perguntas sobre o material a publicar antes de o partilhar (Lutzke et al. 2019):

- Reconheço a organização de notícias que publicou a informação?
- As informações publicadas parecem credíveis?

- A publicação encontra-se redigida no estilo jornalístico que eu reputo ser próprio de uma empresa jornalística?
- A publicação é politicamente motivada?

2.4 Inoculação contra as teorias da conspiração

Outra forma de proteger o público é alertá-lo sobre a especificidade das teorias da conspiração antes que com elas tenham contacto. Esse processo é conhecido como "inoculação" ou "pré-partida". Existem dois elementos para uma inoculação: (1) um aviso explícito de uma ameaça iminente e (2) a refutação antecipada de um argumento que expõe a falácia iminente. Numa experiência envolvendo teorias de conspiração anti-vacinação (Jolley e Douglas 2017), os investigadores descobriram que quando as pessoas eram inoculadas recebendo o material anti-conspiratório pela primeira vez, elas não eram mais afetadas adversamente pela teoria da conspiração. Em contrapartida, se o material conspiratório fosse apresentado primeiro, o material de contra-argumentação já era menos eficaz. A conclusão é que se torna vital conscientizar as pessoas sobre o raciocínio defeituoso que caracteriza as teorias da conspiração. Deve-se notar, no entanto, que a inoculação apenas imuniza contra certas teorias específicas da conspiração e não contra todas em si. É necessário recordar também como muitos crentes nas teorias da conspiração são céticos quanto à própria ideia de conhecimento especializado e argumento racional.

2.5 Desmistificando teorias da conspiração

Depois da contenção e da inoculação, a desmistificação é a melhor estratégia. Estudos demonstraram como a exposição à teoria da conspiração incrementa os equívocos históricos e as correções fundamentadas em provas os diminuem (Nyhan e Zeitzoff 2017). Com participantes não comprometidos com teorias da conspiração, a desmistificação demonstrou ser parcialmente eficaz, incluindo:

- contra-notícias baseadas em provas (Warner e Neville-Shepard 2014)
- mensagens de refutação (Schmid e Betsch 2019)
- correções algorítmicas e geradas pelo utilizador (Bode e Vraga 2018)

Já outras estratégias se mostraram menos efetivas:

- A ridicularização das teorias da conspiração pode reduzir significativamente a aceitação de uma teoria, mas apresenta o risco de tal prática ser automaticamente rejeitada (Orosz et al. 2016).
- O mesmo se aplica às contra-mensagens que desconstroem agressivamente ou que se concentram em "ganhar" um argumento (Schmitt et al. 2018).

- A compaixão pelos que acreditam em teorias da conspiração também é uma medida menos sucedida (Orosz et al. 2016).

Teorias de conspiração anti-vacinação

Numa grande quantidade de estudos com amostras representativas, Schmid e Betsch (2019) demonstraram como a negação conspiratória da eficácia e segurança das vacinas pode ser reduzida através de mensagens de refutação. Quando a conspiração relativa à maximização do lucro entre o governo e a indústria farmacêutica não foi refutada, a intenção das pessoas de vacinar e a sua atitude em relação às vacinas diminuiu significativamente. Por outro lado, quando foi rebatida, destacando-se as técnicas enganadoras exploradas pelos teóricos da conspiração (por exemplo, salientando-se que grande parte da pesquisa em apoio à vacinação foi conduzida por cientistas independentes e financiados publicamente) ou corrigindo-se afirmações falsas (enfatizando-se como as vacinas melhoram a saúde pública), a exposição à teoria da conspiração não teve mais efeito. O estudo constatou que cada técnica de refutação - destacando raciocínio defeituoso ou fornecendo fatos - por si só era igualmente eficaz, mas que uma combinação de ambas não fornecia poder persuasivo adicional.

2.6 Protegendo o público de teorias da conspiração

Uma vez que a adesão a teorias da conspiração resulta de sentimentos de falta de controlo ou referentes à perceção de uma ameaça (Uscinski e Parent, 2014), as seguintes opções são relevantes:

- Se a sensação de necessidade de controlo por parte das pessoas for valorizada (por exemplo, recordando um evento de suas vidas sobre o qual elas tiveram controlo), então a possibilidade de adesão a uma teoria da conspiração é reduzida (van Prooijen e Acker 2015).
- A sensação generalizada de poder por parte dos cidadãos aumenta sempre que as autoridades concretizem procedimentos justos de tomada de decisão (van Prooijen 2018).
- As pessoas devem ser encorajadas a pensar analiticamente ao invés de confiar na intuição (Swami et al. 2014).

2.7 Quando a desmistificação falha: o envolvimento dos teóricos da conspiração

A desmistificação é mais difícil no caso dos indivíduos comprometidos, envolvidos numa ou várias teorias da conspiração. Quem acredita numa teoria da conspiração geralmente crê em muitas, pois veem toda a história e política a partir da ótica da conspiração. Os ambientes online agora criam câmaras de eco e bolhas de filtro. Um estudo demonstrou como os que possuem crenças em conspiração firmemente sedimentadas ao interagirem com material de desmistificação acabaram

por se envolver ainda mais com a própria câmara de eco da teoria da conspiração (Zollo 2017). Foram até mais propensos a não interagir com notícias sobre conspiração desde que *não* fossem expostos a desmistificação. Nesses casos, desmistificar pode piorar as coisas. Nestes ambientes on-line, as publicações individuais podem apresentar uma influência desproporcional e difícil de alcançar. Um estudo recente (Klein et al. 2018) mostrou que, no site principal do Reddit dedicado a teorias da conspiração, cerca de 5% das publicações foram responsáveis por dois terços de todos os comentários com a contribuição do autor mais ativo a somar o dobro do tamanho da trilogia Senhor dos Anéis.

2.8 Lições dos programas de desradicalização

As teorias da conspiração são um ingrediente inevitável do extremismo político e, portanto, a pesquisa sobre desradicalização fornece algumas informações úteis sobre como combater as teorias da conspiração entre públicos nelas crentes ou difíceis de alcançar:

- Os mensageiros credíveis são cruciais. As contra-mensagens de ex-membros de uma comunidade extremista (os “ex”) são avaliadas mais positivamente e recordadas por mais tempo do que as provenientes de outras fontes (Schmitt et al. 2018).
- As abordagens devem ser empáticas e capazes de construir entendimento com a outra parte. Como as intervenções se baseiam no estabelecimento de uma atmosfera de abertura de espírito entre os participantes, os comunicadores devem dar o exemplo (Ponsot et al. 2018).
- Quem acredita em conspirações vê-se como um pensador desconfiado que não é enganado por uma versão oficial. Essa percepção pode ser potenciada por mensagens que valorizem esse pensamento crítico, mas depois o redirecionam relativamente à teoria da conspiração (Voogt 2017).
- Analise o fundamento da teoria antes de a procurar desmascarar. Por exemplo, as tentativas do governo dos EUA para desmontar o que consideram teorias da conspiração saíram sucessivamente ‘pela culatra’, como no caso da tentativa de culpar a ausência de armas de destruição em massa no Iraque após a invasão de 2003 a partir da história de ocultação do Iraque ao invés da multiplicação de informações de fraca qualidade pelas autoridades americanas (Aistrophe 2016).

Referências

- Aistrophe, T. (2016). *Conspiracy theory and American foreign policy*. Manchester University Press.
- Bode, L., and Vraga, E. K. (2018). 'See something, say something: Correction of global health misinformation on social media'. *Health Communication*, 33, 1131-1140.
- Einstein, K. L., and Glick, D. M. (2015). 'Do I think BLS data are BS? The consequences of conspiracy theories'. *Political Behavior*, 37, 679-701.
- Jolley, D., and Douglas, K. M. (2017). 'Prevention is better than cure: Addressing anti-vaccine conspiracy theories'. *Journal of Applied Social Psychology*, 47, 459-469.
- Jolley, D., Meleady, R., and Douglas, K. M. (2019). 'Exposure to intergroup conspiracy theories promotes prejudice which spreads across groups'. *British Journal of Psychology*.
- Klein, C., Clutton, P., and Polito, V. (2018). 'Topic modeling reveals distinct interests within an online conspiracy forum'. *Frontiers in Psychology*, 9.
- Lewandowsky, S., Cook, J., and Lloyd, E. (2016). 'The "Alice in Wonderland" mechanics of the rejection of (climate) science: Simulating coherence by conspiracism'. *Synthese*, 195, 175-196.
- Lutzke, L., Drummond, C., Slovic, P., and Arvai, J. (2019). 'Priming critical thinking: Simple interventions limit the influence of fake news about climate change on Facebook'. *Global Environmental Change*, 58, 101964.
- Nyhan, B., and Zeitzoff, T. (2017). 'Fighting the past: Perceptions of control, historical misperceptions, and corrective information in the Israeli-Palestinian conflict'. *Political Psychology*, 39.3, 611-631.
- Orosz, G., Krekó, P., Paskuj, B., Tóth-Király, I., Böthe, B., and Roland-Lévy, C. (2016). 'Changing conspiracy beliefs through rationality and ridiculing'. *Frontiers in Psychology*, 7, 1525.
- Ponsot, A. S., Autixier, C., and Madriaza, P. (2018). 'Factors facilitating the successful implementation of a prevention of violent radicalization intervention as identified by front-line practitioners'. *Journal for Deradicalization*, (16), 1-33.
- Schmid, P., and Betsch, C. (2019). 'Effective strategies for rebutting science denialism in public discussions'. *Nature Human Behavior*, Jun 24: 1.
- Schmitt, J. B., Rieger, D., Ernst, J., and Roth, H.-J. (2018). 'Critical media literacy and islamist online propaganda: The feasibility, applicability and impact of three learning arrangements'. *International Journal of Conflict and Violence*, 12, 1-19.
- Swami, V., Voracek, M., Stieger, S., Tran, U. S., and Furnham, A. (2014). 'Analytic thinking reduces belief in conspiracy theories'. *Cognition*, 133, 572-585.
- Uscinski, J. E., and Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- van der Linden, S. (2015). 'The conspiracy-effect: Exposure to conspiracy theories decreases pro-social behavior and science acceptance'. *Personality and Individual Differences*, 87, 171-73.
- van Prooijen, J.-W., and Acker, M. (2015). 'The influence of control on belief in conspiracy theories: Conceptual and applied extensions'. *Applied Cognitive Psychology*, 29, 753-761.
- van Prooijen, J.-W., Krouwel, A. P. M., and Pollet, T. V. (2015). 'Political extremism predicts belief in conspiracy theories'. *Social Psychological and Personality Science*, 6(5), 570-578.
- van Prooijen, J.-W. (2018). 'Empowerment as a tool to reduce belief in conspiracy theories'. In *Conspiracy theories and the people who believe them* (pp. 432-442). Oxford University Press.
- Voogt, S. (2017). 'Countering far-right recruitment online: CAPE's practitioner experience'. *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 12, 34-46.
- Warner, B. R., and Neville-Shepard, R. (2014). 'Echoes of a conspiracy: Birthers, truthers, and the cultivation of extremism'. *Communication Quarterly*, 62, 1-17.
- Wood, M. J. (2018). 'Propagating and debunking conspiracy theories on Twitter during the 2015-2016 zika virus outbreak'. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 21, 485-490.
- Yablokov, I. (2015). 'Conspiracy theories as a Russian public diplomacy tool: The case of Russia Today (RT)'. *Politics*, 35, 301-315.
- Zollo, F. et al. (2017). 'Debunking in a world of tribes'. *PLOS ONE*, 12 (7).

